

MADE IN CHINA 2025: PASSAPORTE PARA O ESTÁGIO INTENSIVO DO CAPITALISMO?

Evaristo Almeida Prates dos Santos

Introdução

A China é o terceiro maior país do mundo em extensão, superada pela Rússia e pelo Canadá, possui a maior população do mundo com 1,39 bilhão de habitantes, produz o maior PIB do planeta quando levado em conta a Paridade do Poder de Compra (PPC) com US\$ 21 trilhões. O país intensificou o seu processo de industrialização nos anos 1970 e atualmente tem a maior produção industrial do mundo. Com a crise de 2008 as autoridades chinesas perceberam que para eles, era o fim do processo de acumulação extensiva capitalista, conforme conceito dos estágios de desenvolvimento definidos por Aglietta (1976)¹ e precisam entrar no estágio subsequente, que é o intensivo. As autoridades chinesas apresentaram em 2015 o documento Made in China 2025, com o objetivo de se tornar uma economia industrial de ponta, com inovação, sustentabilidade ambiental, uso eficiente de materiais e energia e manutenção da melhoria de qualidade do seu povo.

Por outro lado a China não é refém de uma sociedade de elite como a brasileira, como definiu Csaba Deák (2016), a partir dos trabalhos de Florestam Fernandes, cuja produção material é baseada na acumulação entravada; pelo contrário, pelos investimentos realizados em infraestrutura, pode se afirmar que o país está no processo de acumulação desimpedida.

O objetivo desse trabalho, a partir desses conceitos é discutir a possibilidade da China entrar no estágio intensivo do capitalismo, a partir do Made in China 2025.

¹ Citado por Csaba Deák, no Verbete em http://www.fau.usp.br/docentes/depprojeto/c_deak/CD/4verb/period-K/index.html

1) Estágio extensivo e intensivo de acumulação capitalista

No capitalismo, segundo Aglietta², os estágios de desenvolvimento podem ser divididos em dois: o extensivo e o intensivo, com a ressalva de Csaba Deák (1986)³:

“O conceito de regime de acumulação de Aglietta não deixa de ser problemático e não precisamos aceitá-lo, mas as expressões ‘predominantemente extensivo’ e ‘predominantemente intensivo’ apontam com precisão um aspecto crucial de cada estágio, respectivamente. No primeiro, a expansão da produção de mercadorias se baseia principalmente na extensão das relações de produção capitalista (isto é, do trabalho assalariado) em detrimento de relações pré-capitalistas, enquanto no último, uma vez esgotadas as possibilidades do primeiro, a expansão só pode se dar mediante a intensificação da produção através do progresso técnico (vale dizer, mediante aumento da produtividade do trabalho)”.

As características do estágio predominantemente extensivo são: rápido crescimento econômico, baixo nível de reprodução da força de trabalho com carga excessiva de horas, habitação precária assim como serviços de saúde e educação e da infraestrutura no geral, possibilitadas pelo exército-de-reserva, baixa intervenção do Estado na regulação do trabalho e altas taxas de lucro. A ideologia predominante é o liberalismo, uma visão egoísta e individualista do homem em que a propriedade privada está acima da própria vida.

Quando o estágio de desenvolvimento predominantemente extensivo se expande, fazendo uso de toda força de trabalho disponível e não havendo mais espaço para expansão da produção de mercadorias, o capitalismo entra no estágio intensivo, cuja força reside no aumento da produtividade, viabilizado pela melhoria da técnica e necessidade de melhora do nível de vida da força de trabalho, condição *sine qua non* pela complexidade das tarefas. Esse estágio requer uma

² Citado por Csaba Deák em “Periodização do capitalismo”, Verbetes, no link http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/c_deak/CD/4verb/period-K/index.html

³ Verbetes, http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/c_deak/CD/4verb/period-K/index.html

infraestrutura de excelente qualidade. A ideologia predominante é a social democracia, em que corporações, Estado e trabalhadores, têm um acordo de investimento, regulação e investimento na infraestrutura e aumento de produtividade com melhoria nos salários.

A exaustão do estágio extensivo se deu na Inglaterra em 1820, na Alemanha em 1870, nos Estados Unidos em 1930.

A crise do estágio intensivo vem com a queda da produtividade geral que impacta na queda da taxa de lucro, que faz com que os capitalistas busquem uma nova forma de acumulação capitalista, baseada na diminuição dos salários e dos benefícios sociais oferecidos pelo Estado, pondo fim ao Estado do bem-Estar e início do processo ideológico conhecido como neoliberalismo.

O Brasil tem outras características peculiares como a existência de uma sociedade de elite, que é uma continuidade da sociedade que existia quando o país era uma colônia. Ao contrário do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, aqui não houve a revolução burguesa que extinguisse o *ancien régime*, construindo uma sociedade nova, baseada na acumulação ampliada. A forma de produção material da sociedade de elite é a acumulação entravada, processo que parte do excedente social é repatriado para o exterior, na forma de juros, lucros, pagamentos diversos, que dessa forma envia para o exterior os recursos que dinamizariam o desenvolvimento do país.

O oposto da acumulação entravada é a acumulação desimpedida, processo em que o país pode investir todo o excedente social produzido na melhoria da produção e na infraestrutura, melhorando o nível de vida da força de trabalho.

2) Sobre a China

A República Popular da China, ou simplesmente China é um país milenar⁴, cuja origem, segundo o missionário e viajante do século XIX, o abade Régis-Evariste Huc, citado por Kissinger (2011,

⁴ O ano de 2018 é correspondente ao ano de 4716 na China, Ano do Cão.

p.23) ‘é difícil de datar, não havendo vestígio do estado de infância desse povo e eles parecem ter vivido sempre no mesmo estágio de progresso dos dias atuais’.

A China sempre teve um território continental, mantendo ao longo dos milênios o ideal de império e unidade, com o mandato político do imperador, “a extensão e a diversidade encorajaram o sentimento de que a China era um mundo em si mesmo. Sustentaram o conceito do imperador como uma figura de ascendência universal, governando o *tian xia*, ou “Tudo sob o Céu” conta Kissinger (2011, p.25).

Ao longo dos séculos a China se notabilizou pelas várias invenções, como a pólvora, o papel, o cultivo do arroz, a produção de macarrão, de seda, das navegações nos anos da dinastia Ming, entre 1405 e 1433, com o almirante Zheng He, que viajou para Java, Índia, o Chifre da África e o estreito de Hormuz, muito antes do início das navegações européias. Essas expedições chinesas tiveram nenhum intuito imperial, por não ter anexado nenhuma terra nem colonizado nenhum povo. Elas pararam abruptamente no ano de 1433, com a frota destruída. Foram os maiores navios de madeira já construídos.

Até a Revolução Industrial, a China era muito mais rica dos que os Estados europeus, segundo Kissinger (2011, p.29) “a China produzia uma parcela maior do PIB mundial total maior do que qualquer sociedade ocidental em 18 dos últimos vinte séculos”. Segundo o mesmo autor em 1820, ela produzia mais de 30% do PIB mundial, que era maior do que os PIBs da Europa Ocidental, Oriental e dos Estados Unidos combinados.

Por muito tempo, a China foi uma potência hegemônica, rechaçando qualquer tentativa de invasão e de submissão a outro país, em meados do século XVIII, o país estava no seu auge, mas a riqueza e a extensão da China atraíram a cobiça dos impérios ocidentais e das companhias comerciais, que operavam fora dos limites e instrumentos conceituais da tradicional ordem chinesa.

Uma nova ordem mundial estava se impondo com a Revolução Industrial e pela primeira vez na história a Europa começou a suplantiar a China em produção e tecnologia, com a adoção do motor a vapor, das estradas de ferro e de um novo modo de produção.

Cada vez mais, mercadores europeus chegavam nas fronteiras chinesas com o objetivo de abri-las aos seus produtos, o que evidentemente era negado pelos chineses.

A tentativa de abertura dos portos chineses levou a várias missões dos ingleses na China, que era superavitária na balança comercial com os ingleses, pois exportavam seda, porcelana e chá e não se interessavam pelos produtos da Inglaterra. Os ingleses começaram então a exportar ópio, uma substância entorpecente para a China.

Em 1839 a droga ameaçava a sobrevivência da sociedade chinesa que resolveu proibir a sua importação. Os comerciantes ingleses exigiram então que a Inglaterra declarasse guerra à China, dando início à Primeira Guerra do Ópio, que foi de 1839 a 1842, com a China derrotada, tendo de pagar uma pesada indenização à Inglaterra, ceder Hong Kong, ao domínio inglês e abrir os portos de Cantão, Fuzhou, Xizmen, Ningbo e Xangai, para a entrada do ópio. Como garantia a Inglaterra mantinha um navio de guerra em cada um desses portos chinês, para garantir a entrada da droga no país.

O comércio do ópio não deu o resultado que os ingleses esperavam cujas aspirações era que em todos os portos chineses, se pudesse comercializar o ópio e usaram uma inspeção feita num navio inglês em 1856 como motivo para começar a Segunda Guerra do Ópio que foi de 1856 a 1858, que juntou a Inglaterra com a França, em que derrotada novamente a China foi obrigada a abrir mais 11 portos para a entrada do ópio e aceitar missionários cristãos. Em 1900, o número de portos abertos ao comércio com o ocidente eram mais de 50, e as potências européias incluindo os Estados Unidos, tinham privilégios e concessões.

O país ainda se viu ameaçado pela Rússia e pelo Japão, que exigiam concessões e territórios, segundo Kissinger (2011, p.73), “a China enfrentou a era da expansão imperial sem o benefício de um moderno aparato militar em nenhum tipo de escala nacional, e somente com gradativas adaptações a inovações financeiras e políticas estrangeiras”.

Essas invasões colocaram em risco a própria unidade chinesa, que só sobreviveu segundo Kissinger (2011) pela capacidade dos seus diplomatas em jogar com os interesses das novas potências.

Esse período é visto na China como o “século de humilhação”, que passa ainda pela invasão japonesa durante a Segunda Guerra Mundial, causando um grande sofrimento e humilhação ao povo chinês.

Essa etapa histórica chinesa só foi superada com a reunificação do país com a vitória da revolução comunista em 1949, fundando a República Popular da China, com Mao Tse-Tung, o primeiro líder do país.

A China ainda passou pela Revolução Cultural, que deu a Mao Tse-Tung o poder total sobre o país, que o governou até 1976. Mas Mao tinha, em 1972, entabulado conversações com os Estados Unidos, que com medo de uma união entre a União Soviética e a China, se aproximou dessa para dividir as duas potências comunistas.

Essa aproximação possibilitou que com a ascensão de Deng Xiaoping, em 1978, uma nova política econômica fosse testada, a chamada economia de mercado socialista.

O lado ocidental estava em crise com o fim do processo de acumulação baseado no fordismo, em que corporações, Estado e trabalhadores, estavam imbricados de forma que as corporações faziam os investimentos, o Estado intermediava as relações sociais e os trabalhadores recebiam parte da produtividade que era concebida, política essa conhecida como social democracia.

Com o capitalismo entrando em crise, fim do Acordo de Bretton Woods em 1972, os Estados Unidos e a Europa Ocidental, começaram a procurar mão-de-obra barata e a China era um enorme exército-de-reserva.

O cartunista brasileiro Henfil, em 1978, fez uma viagem na China que resultou no livro “Henfil na China (Antes da Coca-Cola)” onde entre toques humorísticos relata o povo chinês e a sua enorme capacidade e talento na produção de mercadorias, população com excelente nível de educação e a disciplina, que deixou o Henfil bastante admirado e prevendo que ainda esse povo iria dominar o mundo.

Os chineses se abriram para o processo de exploração capitalista, mas com forte indução do Estado, que enviou centenas de milhares de estudantes aos países centrais, para aprenderem as técnicas de produção mais avançadas.

Ao mesmo tempo foram criando empresas, enquanto empresas do mundo inteiro se instalavam no país, em busca do aumento de produtividade, que fizeram com que as taxas de lucro aumentassem muito.

Aos poucos a China foi se transformando na oficina do mundo, possibilitando a produção de bens de forma barata que inundaram os mercados globais, fazendo com que o balanço de pagamentos chinês tivesse desde então superávits constantes que foram internalizados em forma de investimento em empresas e na sua infraestrutura.

A China cresceu de forma pujante por mais de 30 anos, foi a responsável pelo *boom* de *commodities* do início dos anos 2000, é a maior credora dos Estados Unidos, com mais de um trilhão de dólares da dívida estadunidense⁵.

⁵ Segundo o portal chinês Xinhua, na matéria China aumenta posse de títulos dos EUA em dezembro de 16/02/2018, o total era de US\$1,186 trilhão, no link http://portuguese.xinhuanet.com/2018-02/16/c_136979668.htm

Esse modelo de acumulação extensivo funcionou para a China até o ano de 2008, em que o mundo capitalista entrou em nova crise profunda, oriunda nos Estados Unidos, com os créditos podres do *subprime*, e as importações de produtos chineses caíram vertiginosamente, levando o país a adotar um novo modelo de desenvolvimento.

Foram duas as medidas tomadas, a primeira delas em 2013, com a adoção do projeto inicialmente chamado de Um Cinturão, Uma Estrada e depois de Iniciativa Cinturão e Estrada – ICE, também conhecida como a nova Rota da Seda, com o objetivo de manter os investimentos em infraestrutura, desenvolvendo regiões chinesas que estão atrasadas e para ligar a Ásia, a Eurásia e a Europa, Oriente Médio e União Européia e a segunda em 2015, com Made in China 2025, que estabelece uma ampla estratégia industrial chinesa com o objetivo de se tornar o principal país industrial do mundo, em qualidade, inovação, sustentabilidade e com a criação de marcas de empresas chinesas que abranjam todas as novas tecnologias.

Esse projeto da China marca o fim do estágio extensivo para entrar no intensivo.

3)Made in China 2025 《中国制造 2025》⁶

No dia 7 de julho de 2015, a República Popular da China soltou um documento intitulado Made in China 2025, com as premissas de uma nova política industrial que poderá mudar a China e a geopolítica mundial.

O documento inicia reconhecendo a importância das manufaturas na economia nacional como base da prosperidade e o seu desenvolvimento é a única maneira da China aumentar sua força, proteger o estado de segurança e se tornar um poder mundial.

Há reconhecimento de desde a Fundação da Nova China, a manufatura desempenha um papel importante, mantendo um desenvolvimento rápido e construiu um sistema industrial abrangente e independente, mas reconhece que quando comparado com os países em desenvolvimento, o

⁶ Conforme escrita em mandarim

desenvolvimento industrial é grande, mas não forte, com deficiência em inovação, uso eficiente dos recursos, qualidade industrial, nível de digitalização, baixa competitividade global das empresas chinesas, a baixa eficiência recursos energéticos e poluição severa. A tarefa de atualização e aceleração do desenvolvimento tecnológico é urgente.

Segundo o documento essa nova onda tecnológica e revolução industrial está alinhada com a transformação do desenvolvimento econômico chinês e remodelando a estrutura da divisão internacional do trabalho, vista como oportunidade e requisito para implantar os “Quatro Pontos Abrangentes” (uma sociedade próspera, reforma política, Estado de direito, disciplina partidária)⁷. O objetivo é transformar a China na líder industrial global antes do centenário da fundação da Nova China (2049), sendo o Made In China 2025 o guia para esse objetivo durante a próxima década.

O documento está dividido em quatro pontos principais: 3.1) Situação e meio-ambiente, 3.2) Principais estratégias e objetivos, 3.3) Tarefas estratégicas e pontos chave e 3.4) Suporte estratégico e suprimentos.

3.1 - Situação e meio-ambiente

Nessa primeira parte o documento faz uma análise como a profunda integração da Tecnologia de Informação – TI está alterando e transformando a indústria e formando novos métodos de produção, padrões industriais, modelos de negócios e pontos de crescimento econômico. Os países estão promovendo inovação tecnológica com impressão em 3D, internet móvel, computação em nuvem, arquivamento de dados (*big data*), bioengenharia, equipamentos inteligentes e plantas baseadas em sistemas físicos-cibernéticos.

⁷ “Four Comprehensive Points” strategic blueprint (a prosperous society, policy reform, rule of law, party discipline). Made In China 2025 (2015, p.1)

Ao mesmo tempo, há uma mudança após a crise financeira global, os países desenvolvidos estão promovendo a renascença da sua indústria e os em desenvolvimento estão tentando obter uma parcela maior do comércio global.

Para enfrentar os novos tempos a China vem promovendo mudanças através do desenvolvimento de uma nova industrialização, informatização, urbanização, modernização da agricultura, aumento da demanda de setores de equipamento, consumo privado, serviços públicos e defesa nacional

3.2 - Principais estratégias e objetivos

Nessa etapa o documento lista muitas das estratégias para se obter a transformação da China numa potência global, com o direcionamento da inovação, qualidade total, desenvolvimento verde, que implica a aplicação de economia de energia e reciclagem; otimização da estrutura produtiva e desenvolvimento de talentos.

Os princípios básicos são o mercado regulado e o desenvolvimento orientado pelo governo, planejamento pragmático levando em conta o longo prazo, avanço holístico e grande avanço em áreas-chave, desenvolvimento independente e aberto para a cooperação global.

A China coloca como três os objetivos a ser atingidos com esse programa, o primeiro é se esforçar para transformar o país na maior potência manufatureira em 10 anos (2025), até 2020, consolidar a industrialização, aumentando a participação da digitalização, melhorar o domínio de áreas chave, onde a China já é líder, melhorar as redes digitais e informacionais, redução dos níveis de poluição e até 2025, generalizar a produtividade, a capacidade de inovação, melhorar o consumo de energia e de materiais e criar agrupamentos de empresas transnacionais globalmente competitivas e fortes, posicionando bem a China na divisão internacional do trabalho e agregando valor nas cadeias produtivas globais.

O segundo objetivo é até 2035 a indústria Chinesa alcançar um nível intermediário entre os poderosos da manufatura mundial, com grande aumento da capacidade de inovação e liderar a inovação global em indústrias onde a China é mais competitiva.

Por fim, o terceiro objetivo do documento é que no centenário da fundação da Nova China em 2049, a manufatura esteja consolidada, transformando o país em líder mundial e que o país tenha capacidade de liderar a inovação e a possuir vantagens competitivas na maioria das áreas manufatureiras e desenvolver tecnologias avançadas e sistemas industriais.

3.3) Tarefas estratégicas e pontos chave

Essa parte do documento trata das estratégias para se chegar aos objetivos de transformação do setor industrial da China, apresentando as estratégias para melhorar a capacidade de inovação nacional, a total integração da informatização e industrialização, ampliação das capacidades das indústrias fundamentais, a qualidade como padrão, a produção sustentável (*green production*), grande avanço nas áreas principais, ajuste na estrutura industrial e orientar o serviço da manufatura e do produto industrial.

3.4) Suporte estratégico e suprimentos

Para construir um poder industrial, segundo documento Made in China 2025 (2015, p. 32), “deve ser usar bem do sistema socialista e mobilizar todas as forças sociais, com reformas profundas e política perfeita de mensuração, com a cultura e as características chinesas, através de mecanismos de reformas institucionais, os deveres do mercado quanto ao meio-ambiente, as políticas de suporte financeiro, políticas de impostos e fiscal, sistema de cultivo de talento generalizado, política para micro, pequena e média empresa, transparência industrial (em se tratando de investimento estrangeiro), organização e implementação de sistemas”.

Essa é uma síntese do Made In China 2025, que como escreveu os chineses é um guia para que o país adquira poder entre as potências mundiais, através da criação de mecanismos que vai mudar

radicalmente a industrialização na China, focando na inovação, no controle das indústrias pelo país, não dependendo de transnacionais, sustentabilidade social (está implícito a melhoria da qualidade de vida) e ambiental, uso adequado de recursos materiais e energéticos, visando manter a China na frente perante o mundo.

4) A reação do “mundo desenvolvido”

O economista alemão Friedrich List na obra Sistema Nacional de Economia Política⁸ mostra como a ideologia propagada pela Inglaterra dos mercados livres era benéfico para todos mas na verdade, só beneficiava os próprios ingleses. A obra foi colocada em descrédito como relata bem uma entrevista do jornal Nação Soberana⁹, publicada em Berlim em 31/05/1841 com o escritor, pautando que para muitos a obra de List era uma verdadeira heresia¹⁰ ao colocar em questão os fundamentos do liberalismo econômico e as teorias de Adam Smith, ao que o entrevistado argumentou que a obra de Smith, passados 65 (até a entrevista de List) anos tinha virado um dogma e que ninguém tinha coragem de afrontá-lo.

O fato é que List pagou um preço alto por ter escrito o livro sendo perseguido na Alemanha, mas o país seguindo a sua teoria conseguiu desenvolver a sua indústria e já em 1870, ingressou no estágio intensivo do capitalismo.

Em 2004 o economista coreano Há-Joong Chang, no seu livro Chutando a Escada, a Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica¹¹, mostra que os países centrais criaram uma série de normas, além das teorias econômicas, denunciadas por List para impedir que outros países se desenvolvessem. O próprio processo conhecido como globalização é uma delas.

⁸ No Brasil foi publicado na Coleção “Os Economistas”, pela Editora Abril em 1983.

⁹ Entrevista publicada pelo Jornal GGN, no link https://jornalggn.com.br/sites/default/files/documentos/list_friedrich_entrevista_maio_de_1841.pdf

¹⁰ O mesmo ocorre hoje quem se atreve a questionar os dogmas do neoliberalismo que se revelou quase uma religião, bancada pelo capital financeiro, pela mídia e por parte da universidade, pela benesse que esse tipo de teoria traz aos seus defensores, mesmo que prejudicando a população como um todo, tornando ricos em bilionários e pobres em miseráveis.

¹¹ Publicado no Brasil pela Editora da Unesp, no ano de 2004.

O objetivo desses países, segundo Chang é manter a divisão internacional do trabalho em que uma minoria de países se industrializam e os demais se especializam em vender matéria-prima e produtos agrícolas para os chamados países desenvolvidos.

A reação dos Estados Unidos e da Europa Ocidental ao documento Made In China 2025, ocorreu de forma sistemática agora no ano de 2018. Os Estados Unidos publicaram a Decisão 301¹² do Departamento de Comércio que muda as regras contra a China, segundo Engdahl (2018) diretamente os dez setores industriais listados no documento “Made in China in China 2025¹³”. Não é guerra em torno de dólares comerciais, mas guerra pelo controle global das tecnologias dominantes”. Segundo o mesmo autor, um relatório do New York Council on Foreign Affairs, um dos muitos *think tanks* estadunidenses, acusa o documento Made in China 2025 de uma tentativa de não só de alcançar patamares tecnológicos de economias de alta tecnologia como Alemanha, Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão, mas deslocar e substituir essas economias.

Para Engdhal (2018) pela primeira vez os Estados Unidos estarão enfrentando um competidor que poderá ameaçar a sua hegemonia, fato que não ocorreu com o Japão e a Alemanha, no pós-guerra e estão se preparando para tentar barrar os objetivos elencados no Made in China 2025. Para tanto, trouxe para a órbita deles para agir em conjunto os países que compõem o Nafta¹⁴, a União Européia e o Japão.

Uma das primeiras decisões é barrar a aquisição de empresas de tecnologia de ponta pela China, como ocorreu com a proposta da compra Leifeld Metal Spinning AG, que o governo, empresa alemã de alta tecnologia, que o governo bloqueará, assim como a Cotesa, fornecedora da indústria aeroespacial.

¹² O documento está no link

<https://ustr.gov/sites/default/files/files/Press/Releases/US%20Cons%20Req%20China%20-%20Final.pdf>

¹³ Que são inteligência artificial e computação quântica, máquinas ferramentas e robótica, equipamento aeroespacial e aeronáutico, navegação de alta tecnologia, equipamento ferroviário de alta performance, veículos movidos por outras formas de energia, equipamento agrícola, novos materiais, biofarma (incluindo organismos geneticamente modificados) e produtos médicos avançados.

¹⁴ O *North American Free Trade Agreement* – NAFTA é composto pelos Estados Unidos, o Canadá e o México.

Dessa forma, os países desenvolvidos buscam bloquear o acesso chinês a alta tecnologia como propõem o Made in China 2025, para não ter mais um competidor na arena internacional.

Outra forma de barrar a ascensão chinesa seria derrubar o governo chinês por meio das chamadas “revoluções coloridas”, que já depôs governos na Ucrânia, em Honduras, Paraguai, Brasil, entre outros, só para citar os mais recentes. Os líderes políticos que se contrapõem aos interesses dos Estados Unidos, da União Européia e do Japão, são substituídos por fantoches, que representam que governam, mas estão atrelados aos interesses desses países, como ocorre atualmente no Brasil, em que o presidente posto no cargo pelo golpe jurídico-midiático, o Michel Temer, faz o que mandam, entregando pré-sal, setor elétrico, terras agrícolas, Embraer, Petrobras e o que mais desejarem. O país perdeu a soberania e presta vassalagem aos interesses estrangeiros, como no período colonial.

Mas para que isso ocorra é necessário que esses países tenham uma parcela da população subordinada aos interesses deles. No caso do Brasil há uma sociedade de elite, como destaca Csaba Deák (2016) que luta contra o desenvolvimento do país, a fim de manter, os privilégios dela.

Mas, no caso da China, esse país milenar, passou a maior parte da sua história como potência hegemônica, com exceção do período de 1839 a 1949, até que forças comunistas- nacionalistas se implantaram no poder para consolidar o país como nação.

Outros meios muito usados pelos países centrais é através da mídia corporativa para convencer a população a entregar suas riquezas, uso da influência do Banco Mundial - BIRD, Fundo Monetário Internacional - FMI, Organização para o Desenvolvimento Econômico – OCDE, entre outras, também não funcionarão, pois a mídia chinesa é predominantemente estatal e esses organismos multilaterais, de defesa dos interesses dos países centrais, não tem força na China.

Assim, ninguém verá na China nenhuma defesa da privatização, arrocho fiscal, entrega das riquezas minerais, entre outras, como ocorre na mídia e *establishment* brasileiro.

Considerações Finais

A China é um país milenar que passou parte dos séculos XIX e XX sendo humilhada pelas potências hegemônicas até a revolução comunista-nacionalista sair vencedora em 1949. Nos anos de 1970 alterou a política econômica, o chamado socialismo de mercado, que atraiu grande quantidade de empresas transnacionais, cujos lucros eram declinantes nos países centrais, para explorar a mão-de-obra barata chinesa.

Só que em troca de explorar a mão-de-obra, os chineses fizeram uma série de restrições, como a produção voltada pra o mercado externo, obrigação de fazer *joint-ventures* com empresas chinesas, entre outras.

Através de engenharia reversa, orientação pelo Estado e altos investimentos em qualificação profissional e em infraestruturas, a china foi estruturando a sua indústria, internalizando os processos e fazendo uma jornada que a transformou no principal centro industrial do mundo.

Em 2015, o país percebeu que um esse modelo extensivo estava esgotado, principalmente pelos efeitos da crise financeira de 2008 e que era preciso iniciar em outro estágio, o intensivo do capitalismo, em que deve melhorar o nível de vida da força de trabalho e a infraestrutura.

Para tanto, a China quer passar do estágio de feito na China para criado na China, generalizando a competitividade da sua indústria, a capacidade de inovação, a sustentabilidade ambiental, reformas políticas profundas para dar maior participação da população no processo, uso eficiente de energia e de recursos, entre outros com prazos que vão de 2025, 2035 até 2049, ano do centenário da fundação da Nova China.

Os desafios internos serão muitos, mas o desafio maior é enfrentar os países desenvolvidos, que detém a tecnologia, já passaram pelo estágio intensivo, mas negam acesso a quem quer chegar nesse nível.

E para isso se utilizam de todos os recursos que possam usar, por saberem que a ascensão de um país nesse estágio provoca mudanças geopolíticas, principalmente se tiver a dimensão e a população chinesa.

O ponto favorável aos chineses é que não tem uma sociedade de elite, que seria usada contra os interesses do próprio povo para sabotar o projeto de desenvolvimento implícito no Made in China 2025.

Bibliografia

CHANG, Ha-Joong, **Chutando a Escada, a Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica**, Editora da Unesp, São Paulo, 2004.

DEÁK, Csaba, **Em Busca das Categorias da Produção do Espaço**, Editora AnnaBlume, São Paulo, 2016.

DRUCK, Graça, A teoria da regulação transforma-se em “técnica da regulação” em tempos neoliberais, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 20, Nº 57, São Paulo, 2005.

ENGDAHL, F. William, Why West Fears “Made in China:2025”, artigo de 3 de agosto de 2018 publicado no link <http://www.williamengdahl.com/englishNEO3Aug2018.php>, também traduzido pelo Coletivo Vila Vudu, publicado no Blog do Alok, <http://blogdoalok.blogspot.com/2018/08/sobre-made-in-china-2025-o-que-o.html>

_____, Washington Has Lured EU into Anti- China Trade Front, artigo de 3 de agosto de 2018 publicado no link <http://www.williamengdahl.com/englishNEO10Aug2018.php>, também traduzido pelo Coletivo Vila Vudu, publicado no Blog do Alok, <http://blogdoalok.blogspot.com/2018/08/ue-caiu-na-armadilha-de-washington-para.html>

FILHO, Henrique de Souza, **Henfil na China (Antes da Coca-Cola)**, Editora Record, São Paulo, 1980.

Governo da China, **Made in China 2025**, Pequim, 2015, publicado na internet no link <http://www.cittadellascienza.it/cina/wp-content/uploads/2017/02/IoT-ONE-Made-in-China-2025.pdf>

KISSINGER, Henry, **Sobre a China**, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2011.

LIST, Friedrich, **Sistema Nacional de Economia Política**, Coleção os Economistas, Editora Abril, São Paulo, 1983.